Folkcomunicação: Aplicação e Reconhecimento – Estudo de Caso[1]

Daira Renata Martins Botelho[2]

Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP

RESUMO:
A Teoria da Folkcomunicação, concebida pelo professor Luiz Beltrão, é uma teoria considerada nova dentre as consagradas Teorias da Comunicação ensinadas na Academia, consequentemente, as barreiras a serem enfrentadas pelos pesquisadores da área são muitas. O preconceito e a rejeição pelo fato do desconhecimento é um grande impecilho para sua disseminação. Este artigo tem o objetivo de mostrar uma tentativa bem sucedida de constituição da Folkcomunicação enquanto disciplina acadêmica – através de aplicação teórica e exercício de reconhecimento da teoria através de manifestações populares –, bem como a recepção por parte do corpo discente, que foi parte essencial para a elaboração e sucesso dessa experiência.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação; Disciplina; Ensino.

FOLKCOMUNICAÇÃO – CONCEITO E DISCIPLINA

A Teoria da Folkcomunicação, trazida ao âmbito acadêmico sob a forma de tese de doutoramento intitulada "Folkcomunicação – um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias", defendida na Universidade de Brasília pelo professor Luiz Beltrão no ano de 1967, é um conceito que retrata o olhar diferenciado desse pesquisador que, na qualidade de jornalista, foi instigado a questionar os canais de informação utilizados pelos grupos que ele chamou de "marginalizados"[3].

---

[1] Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Daira Renata Martins Botelho é jornalista, formada pela Universidade Estadual Paulista – UNESP de Bauru. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática na mesma universidade. Bolsista CAPES. E-mail: dairarmb@yahoo.com.br.

[3] O conceito de marginalizados aplicado por Luiz Beltrão se refere àqueles que foram excluídos da grande mídia e dos modelos hegemônicos de comunicação existentes em nossa sociedade, são aqueles que não conseguem se fazer ouvir nos meios tradicionais de troca de informação e comunicação. Note-se que Beltrão indica os grupos rurais e urbanos, por exemplo, no entanto, não limita como parâmetro de pesquisa a questão financeira e de posição social, mostrando que as manifestações populares podem estar em todos os níveis da sociedade, no entanto, coloca a questão das classes subalternas, por serem elas as mais excluídas, já que as elites possuem maior atenção da mídia hegemônica.

O acesso às camadas populares da sociedade se deu por conta de seu ofício como repórter no Diário de Pernambuco, através do qual teria que cobrir eventos das periferias da região. Esse ofício fez com que o repórter desenvolvesse um olhar aguçado para o modo como as pessoas conseguiam se comunicar, mesmo estando fora do "ciclo midiático" existente.

Beltrão embasa seus conhecimentos sob a luz dos estudos da Teoria do *Two-Step-Flow-of-Communication*[4], no modelo de comunicação aplicado por Paul Lazarsfeld e Elihu Katz e, também, através dos estudos de Marshall McLuhan:

> Daí a atualidade do pensamento comunicacional de Luiz Beltrão, que pensou na era de McLuhan sobre as interações entre a aldeia local e a aldeia global. Ao construir um referencial teórico consistente, lançou pontes entre a *folk media* e a *mass media*. Ele reconheceu o universal que subsiste na produção simbólica dos grupos populares, percebendo, ao mesmo tempo, que os dois sistemas comunicacionais continuarão a se articular numa espécie de *feedback* dialético, contínuo, criativo." (MARQUES DE MELO, 2008, p. 55)

Para dar conta do popular – parte integrante fundamental da teoria – Beltrão recorreu aos estudos de Edison Carneiro, considerado pelo teórico um grande folclorista e o único que não considerou o folclore como uma ciência estática, tese denominada por Carneiro como "a dinâmica do folclore".

Com tal sensibilidade para reconhecer as manifestações – por mais simples que fossem, Beltrão conseguiu postular as diretrizes para a Folkcomunicação, e formar uma geração de discípulos e seguidores com o mesmo objetivo: voltar o olhar para o que está em nossas vidas, no nosso cotidiano.

> Não se deve esquecer que, enquanto os discursos da comunicação social são dirigidos ao mundo, os da Folkcomunicação se destinam a um mundo em que palavras, signos, gráficos, gestos, atitudes, linhas e formas mantêm relações muito tênues com o idioma, a escrita, a dança, os rituais, as artes plásticas, o trabalho e o lazer, com a conduta, enfim, das classes integradas da sociedade. (BELTRÃO, 2004, p. 85)

Apesar das releituras das obras de Beltrão e das atualizações constantemente feitas pela Rede Folkcom e dos diversos pesquisadores espalhados pelo Brasil e também além de nossas fronteiras, a Folkcomunicação ainda não é vista com bons olhos em relação à

[4] Teoria norte-americana que trata da comunicação em dois níveis, e que "é determinado justamente pela mediação que os líderes desenvolvem entre a mídia e os outros indivíduos do grupo" (WOLF, 2008, p. 39). Sendo que o líder de opinião é o responsável por fazer essa ponte entre os dois níveis.

Academia. A resistência encontrada pelos professores e pesquisadores durante a tentativa de implantar a Folkcomunicação como parte integrante da grade disciplinar dos currículos dos cursos de Comunicação ou, até mesmo, em relação àqueles que tentam realizar projetos de pesquisa junto aos Programas de Pós-Graduação, bem como buscar apoio junto às agências de fomento, é grande. Como motivo dessa resistência, podemos indicar o desconhecimento da teoria e o valor agregador que ela possui, principalmente nos quesitos de interdisciplinaridade: tão buscados pela Ciência da Comunicação, nem sempre colocados em prática na Academia.

GRUPO DE APLICAÇÃO

A disciplina utilizada para aplicação da Folkcomunicação foi "Seminários Avançados" – oferecida aos alunos do 4° ano do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC), da Unesp de Bauru. A aula, ministrada pelo professor Pedro Celso Campos[5] - que atua como mediador, conta com palestras de convidados em mesas de debates, com o objetivo de suprir disciplinas não existentes na Graduação. Uma dessas mesas foi disponibilizada para expor o conceito de Folkcomunicação, que também contou com um trabalho proposto pelo Programa da Disciplina.

Os alunos participantes dessa disciplina somam 79, sendo 35 da turma de Jornalismo do período diurno e 45 do período noturno. No dia da palestra – 14 de maio de 2011 – estavam presente pouco mais da metade do total de alunos, no entanto, foram recebidos 69 trabalhos sobre o tema proposto.

OBJETIVO

A atividade apresentada teve como objetivo compor a disciplina em um trabalho de estágio docência supervisionado pelo professor Pedro Celso Campos. No entanto, a função maior foi levar aos alunos a Teoria da Folkcomunicação que não está inserida na grade disciplinar daquele curso, sendo vista a iniciativa como complementar ao curso – justamente a proposta da disciplina.

[5] Pedro Celso Campos é doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2006), tem pós-doutorado na mesma área pela Universidade de Sevilha (2008), integra o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação-FAAC da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP e é Coordenador de Ensino de Jornalismo na mesma instituição.

Através da exposição, o intuito foi apresentar a teoria aos alunos e aguçar a percepção dos alunos sobre as manifestações folkcomunicacionais que podem ser perceptíveis em um passar de olhos.

METODOLOGIA

Foi elaborada aula expositiva de aproximadamente 1h30, com os seguintes componentes:

- Apresentação de Luiz Beltrão sob os tópicos: Trajetória; Vivência Acadêmica; Pioneirismo; Diversidade (evidenciando o lado romancista do autor); Jornalismo.
- A descoberta da Folkcomunicação, chamando atenção para o contexto histórico no qual a teoria foi concebida;
- Utilização de multimídia com a exibição do documentário da Série Ver e Entender, volume que trata de Folkcomunicação, produzido pela UNINOVE no ano de 2005;
- Resumo do que foi apreendido no vídeo;
- Apresentação de exemplos de Folkcomunicação aplicadas ao Jornalismo, Turismo, Publicidade, Política e curiosidades que podemos observar em cada um desses itens;
- Desafios da Folkcomunicação – maior inserção na Academia, legitimação e reconhecimento enquanto Teoria da Comunicação;
- Divulgação Científica: apresentação dos meios e grupos que divulgam a teoria, como a Revista Internacional de Folkcomunicação, a Rede Folkcom, as Conferências Nacionais e a inserção da teoria nos grupos de estudo e pesquisa da Intercom e ALAIC, por exemplo;
- Delimitação do projeto de pesquisa sobre a Festa de Silveiras, interior de São Paulo;
- Finalmente, houve abertura para perguntas e debate sobre o tema proposto.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

O trabalho proposto para a turma foi o reconhecimento de uma manifestação de cunho popular, mas com embasamento na exposição e na Teoria da Folkcomunicação. A atividade pedia o relato de uma manifestação reconhecida com aspectos folkcomunicacionais, mas com o objetivo de um trabalho de retorno de cada um as suas

origens, resultando em um trabalho conjunto de resgate, reconhecimento e aplicação da teoria em questão.

RETORNO

O resultado foi muito melhor do que esperávamos. Com um total de 69 trabalhos recebidos, pudemos constatar o emprego correto da teoria em manifestações encontradas em diversas cidades: manifestações de cunho festivo e também de cunho social e político. Relatos de manifestações que fazem parte do cotidiano e da história de infância dos alunos, bem como de manifestações mais recentes, mas que chamam a atenção por se enquadrarem na Folkcomunicação.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Como parte integrante de uma disciplina, os trabalhos deveriam receber uma nota, que foi calculada de acordo com os seguintes itens:

- Reconhecimento da manifestação sob os aspectos folkcomunicacionais explicitados na aula expositiva, com a inserção dos conceitos;
- Grau de envolvimento do aluno com a manifestação pesquisada;
- Originalidade;
- Compromisso e empenho na realização da atividade (entrevistas, pesquisa bibliográficas, referências, fotos, etc.);
- Questionamento e discussão sobre a relação da manifestação escolhida com o tema proposto – além do relato, trazer questionamentos acerca da cultura, do processo comunicacional que a envolve e de suas relações com a sociedade.

RESULTADO

A participação dos alunos na elaboração dos trabalhos foi recebida com entusiasmo pelo professor Pedro Celso Campos e por esta pesquisadora. A maioria dos alunos realizou a atividade que nos foi entregue no tempo proposto pelo cronograma da disciplina.

Os trabalhos foram corrigidos segundo os critérios acima referidos, sob os quais foram encontrados trabalhos ótimos no que tange à aplicação da Folkcomunicação, bem como

a imersão de seus autores no tema e o empenho em trazer informações sobre a manifestação escolhida.

Como foi proposto, alguns alunos reviveram tempos de infância e contaram os "causos" de sua terra, seus municípios, mas sem deixar de trazer o embasamento teórico em questão. Outros alunos optaram por trazer objetos um tanto quanto mais modernos, fugindo das manifestações tradicionais, geralmente de cunho religioso.

O mais interessante foi notar a reflexão que muitos dos trabalhos trouxeram acerca das mudanças ocorridas nas manifestações apresentadas, muitas vezes com questionamentos em relação à mídia e à própria dinâmica mercadológica que se criou em torno da cultura popular.

Também há relatos muito pessoais relacionados ao "fazer o trabalho", alunos retratando as dificuldades que encontraram em reconhecer a Folkcomunicação nos processos de comunicação nas manifestações, outros colocam que se prenderam muito ao descritivo e evidenciam a dificuldade em aplicar a teoria.

É interessante também notar que a Folkcomunicação levou os alunos a pesquisarem mais sobre o tema. Encontramos bibliografia de Luiz Beltrão em alguns trabalhos, o que nos faz entender que houve uma preocupação na tentativa de aprofundamento teórico antes de produzir o relato, ou, mesmo, de buscar entender melhor a teoria e seu autor.

As notas que compuseram a avaliação individual dos alunos foram compostas de notas acima da média, ressaltando vários trabalhos que atingiram a nota máxima, ou seja, que cumpriram todos os critérios de avaliação.

REFERENCIAIS TEÓRICOS

Os alunos foram buscar referencial teórico no próprio Luiz Beltrão, em autores contemporâneos como Cristina Schmidt e Fábio Corniani. Também procuraram e fizeram relações com autores como Marshall McLuhan, Ecléa Bosi, por exemplo.

PARTICULARIDADES

Como forma de mostrarem as manifestações escolhidas para o relato, alguns alunos utilizaram multimídia como os sites de prefeituras ou dos próprios grupos responsáveis por manter a manifestação viva – indicando o uso de ferramentas das novas mídias, campo pouco explorado ainda pelos agentes folkcomunicacionais, mas que vem

crescendo ao longo dos anos –, vídeos disponibilizados no *You Tube*, fotos de arquivos pessoais, entrevistas e, também, pesquisas *in loco*.

FRAGMENTOS DE FOLKCOMUNICAÇÃO

Uma gama de assuntos foi relatada nos trabalhos: festas religiosas como Nossa Senhora da Achiropita (bairro do Bexiga, São Paulo), Procissão dos Carroceiros (São Bernardo do Campo, SP), Corpus Christi (ocorrido na cidade de Praia Grande); manifestações relacionadas à música como o Maracatu, ou dança, como o Flamenco.

Dentre todos os relatos, alguns foram selecionados para compor este artigo, retratar peculiaridades das manifestações às quais se referem ou, mesmo, a particularidades de cada produtor do trabalho

- A Semana Santa é muito tradicional em todo o Brasil, no entanto, cada município nos traz sua marca na forma de comemorar e resguardar essa semana muito importante para o catolicismo. O aluno Rôney Rodrigues trouxe uma peculiaridade que ocorre todos os anos na cidade de Cândia – SP.

> Outro costume peculiar é o roubo das galinhas. Durante a sexta-feira da Paixão, o costume diz para não se comer carne. Sim, é momento de luto, penitência, reflexão. O clima na cidade é de velório, como se uma tragédia tivesse acontecido, ou estive para acontecer. Mas no sábado, o sábado de Aleluia, tudo está liberado, tudo é permitido. O clima é de alegria, afinal, Cristo vai ressuscitar. E na transição das duas datas acontecem os roubos das galinhas, um costume muito antigo. Quem tem galinha passa a noite em claro, com a orelha em pé, empunhando alguma arma para qualquer eventualidade. E algumas pessoas da cidade vão atrás das galinhas, com esmero para não ser flagrado. A técnica é simples: entre quatro ou cinco da manhã, horário em que qualquer um em vigília está cambaleando de sono. Deve entrar e torcer logo o pescoço das galinhas, para elas não alardearem a presença do invasor.
> O resultado do roubo é uma galinhada no almoço de sábado, em que todos são convidados, inclusive o vizinho das galinhas, de cara amarrada, roendo os ossos e mentalizando:
> - Era minha, eu sei que era minha.

- Da cidade de Cajuru, interior de São Paulo, o aluno Renato Oliveira fez o reconhecimento da Folkcomunicação em uma manifestação que se tornou tradicional na cidade: a Serenata.

> A Serenata é facilmente identificada como uma manifestação cultural que preserva a história as tradições de Cajuru. Os moradores que acompanham o cortejo são crianças, jovens, adultos e idosos que se unem para se lembrar do passado e celebrar a cultura local, a união e a hospitalidade da cidade.
> A cada janela, o caminhão para e as pessoas cantam musicas para os "homenageados". Esse momento é, geralmente, muito emocionante para quem canta e quem ouve a serenata. A busca pela essência do município, o saudosismo, a amizade e a cumplicidade dos participantes criam um ambiente único, com certa magia e orgulho do que a cidade representa pra cada um dos que assistem o cortejo.
> Até hoje, a "Serenata" já foi notícia em três telejornais de emissoras regionais, mesmo possuindo mais de 40 anos de existência. O evento não é divulgado em agendas culturais ou meios de comunicação, os moradores tomam conhecimento pelo *boca-a-boca* ou por já terem participado em anos anteriores.

- É constante encontrarmos em manifestações folkcomunicacaionais um líder de opinião que toma para si a responsabilidade de manter a tradição e perpetuar a manifestação. Um exemplo é o professor Mafra, da cidade de Cerqueira Cézar, que realiza festas – em sua maioria religiosas – em seu sítio e organiza todos os eventos (que chegam a receber cerca de 400 pessoas), e nos foi apresentado pela aluna Beatriz Albuquerque.

> Não há nenhuma forma de arrecadar fundos, como por exemplo a prática de festas populares de se fazer leilão para angarinhar recursos. O professor banca tudo sozinho. Não é cobrada taxa de entrada e o consumo de bebida e comida são gratuitos. A população participa com a mão-de-obra na preparação dos alimentos e na distribuição dos pratos.
> Mafra se motiva pela fé e pelo prazer da diversão. As festas sempre duram um dia. O convite é feito pessoalmente pelo professor. Ele convidas as pessoas na rua. Há um tempo atrás havia uma rádio na cidade que fazia anúncios, mas hoje a radio não existe mais e é tudo feito no boca a boca.
> Achei difícil fazer este trabalho, acredito que devido a própria dificuldade de visualizar de forma concreta os processos de comunicação dentro das manifestações populares/de massa. Tive a impressão que me prendi muito a descrição das festas, mas o interessante dessas manifestações é que é divulgada no boca a boca, adquiriu o status de tradição da cidade e reune parcela relevante da população.

- Alguns conseguiram encontrar a Folkcomunicação em manifestações muito pessoais e ainda sem registros de pesquisa como o aluno Thiago Teixeira, que reconheceu o processo de comunicação no Futebol de Botão.

> Com os botões de suas roupas ou de seus colegas, um menino chamado Geraldo Cardoso Décourt inventava uma tradição brasileira (essa é a ufanista versão da lenda, que não me interessa estragar). À beira da primeira margem da década de 30, o garoto de Campinas chamava de "Celotex" o mesmo jogo que meu pai me

> ensinou a jogar há quase 20 anos. As regras seguramente eram outras, que estas são convenções bastante peculiares, e podem variar tanto em relação à região em que se joga quanto ao par de jogadores envolvidos. Geraldo, que tornou-se um divulgador do jogo, e divulgou sua versão da regra no jornal "A Noite Esportiva" em 1930, num português característico da época, tão nacional quanto o de Zeca Baleiro em "Samba do Aproach".

- Voltando aos primeiros estudos de Beltrão, o aluno Murilo Tomaz reconheceu um ex-voto que podemos encontrar facilmente na cidade de São Paulo: as *Ghost Bikes*.

> No caso da cidade de São Paulo, as "*Ghost Bikes*" são símbolos espalhados pela cidade da comunicação marginalizada que busca por meio do símbolo da bicicleta branca atenção para os investimentos na área de transportes, transportes alternativos e segurança no trânsito.
> O interessante dessa pesquisa consiste no fato de que no caso dos ciclistas de São Paulo, como podemos ver pelas bikes instaladas como protesto, eles foram vítimas em lugares nobres e, provavelmente, as vítimas eram de classe média. O foco aqui não é a folkcomunicação entendida somente pelos marginalizados, mas, sim, daqueles que estão marginalizados em determinada situação. E no caso dos ciclistas, não importa de que classe social eles sejam, o importante é observar que eles são uma classe marginalizada no trânsito, seja pela falta de faixas exclusivas e investimentos, como também pela opressão diária de motoristas de veículos motorizados.[6]

- Alguns alunos também colocaram posicionamento em relação às mudanças ocorridas nas manifestações, com certa inquietação, já que essa interferência, na maioria das vezes, resulta em prejuízos, como nos mostra o aluno Marcelo Verrumo com a Festa de São João Batista da cidade de Dourados – SP, na qual observou a diferença entre a festa de "seu tempo" e a festa do tempo de seu pai.

> No seu tempo, em todos os sábados entre o primeiro e o último dia de festa eram realizadas brincadeiras folclóricas na praça, ouvia-se a banda da cidade tocar no coreto e a festa tinha um caráter religioso (cristão) muito forte. No último dia, era realizada uma procissão em homenagem ao padroeiro do município.
> Uma geração depois, a festa de São João Batista do meu tempo possui características bem diferentes. Já morando na cidade, não me lembro de pau de sebo, ritos e brincadeiras folclóricas – como mencionado por ele – e penso que o caráter cristão do evento foi um pouco apagado. Na Festa do meu tempo, o quarteirão da Igreja Matriz é tomado por barraquinhas. No lugar de barracas com artesanato, estão barracas de ambulantes, vendendo os mais variados produtos "pseudo-industrializados"; como na década de 80, pessoas ainda enfeitam andores para carregar os santos no último dia da festa e a imagem de São João Batista é levada em um carro especial, sempre o mais bonito. Quem enfeita os andores e o carro são voluntários que, com investimento próprio,

[6]O movimento chamou atenção da mídia, recentemente, por conta da morte de um grande empresário atropelado por um ônibus em um movimentado cruzamento na cidade de São Paulo, chegando, com isso à grande mídia nacional.

> cumprem promessas ou, simplesmente, realizam sonhos; a banda douradense ainda está presente também.

Desabafo também feito pelo aluno Henri Chevalier sobre as manifestações da cultura popular na cidade de Ubatuba – SP.

> Uma pequeno adendo: outras tradições se adaptaram em meio às necessidades financeiras. A tradicional festa da mandioca nada mais tem de mandioca. Quando muito, há porção de mandioca frita. Os desfiles de São Pedro pescador, padroeiro da cidade, agora contam muito mais com cantores de sertanejo universitário do que com as antigas apresentações de acordeom, as cantigas com violão, as danças da fita e as puxadas-de-rede. Para a tristeza dos mais velhos. A festa do divino quase foi extinta pela rede evangélica que dominou os cargos políticos da cidade. E o turismo ignora as manifestações artísticas como forma de atrair turistas e investir na cidade, em termos culturais.
> Mas porque a puxada-de-rede praticamente se extinguiu, sem adaptações, sem ressignificações, sem comunicar? Talvez o primeiro motivo seja a ausência de apoio público, nem que seja para o estabelecimento da folkcomunicação turística, ou voltada ao turismo. Talvez por miopia social, as legislaturas pouco vêem no folclore uma manifestação de povos marginalizados que urgem por espaço na esfera pública. Em segundo lugar, talvez o próprio desconhecimento do que é folkcomunicação. Em último, as influências do mundo pós-moderno que valoriza o novo em detrimento de antigas culturas.

Dentre outros trabalhos e temas explorados pelos alunos, foi necessário um recorte para apresentarmos neste artigo, através dos quais, percebemos a interação de seus autores com a manifestação em questão, sua proximidade; o reconhecimento da Teoria da Folkcomunicação e sua aplicação no processo comunicacional que permeia a manifestação.

AVALIAÇÃO DOS ALUNOS

Como relatório final da disciplina, os alunos indicam as três palestras que mais lhes agradaram durante o semestre. Para nossa grata surpresa, alguns deles elencaram a palestra sobre Folkcomunicação entre as que mais gostaram:

> A palestrante Daira, ocorrida no dia 14 de maio, trouxe para a discussão um tema de pouca visibilidade e que por incrível que pareça rendeu uma das melhores palestras do semestre, primeiro porque era um assunto relativamente novo já que a maioria nunca tinha tido qualquer tipo de contato com a área e segundo porque a palestra fluiu de maneira simples, sem muitos termos técnicos e de difícil compreensão. (...) Como a palestrante trabalha e estuda a área, foi fácil entender até mesmo os detalhes mais específicos sobre o assunto e até mesmo despertar interesse nos presentes. No mais a discussão foi calma e

sempre permeada pelas experiências pessoais da palestrante que exemplificava sempre muito bem o tema para que todos pudessem entender.

Renata Caroline Penzani, Flávia Ferreira Alves e Murilo Benzatti Moro

A palestrante apresentou o conceito e a história desse campo da pesquisa em comunicação, mostrando sua própria experiência em pesquisa (Festa Tropeira de Silveiras/SP) e os grupos de estudo que representam a folkcomunicação no Brasil e América Latina.
Outra palestra bem conduzida: serviu de introdução ao assunto e instigou a curiosidade para pesquisar mais sobre ele.
Sugestão: Seria ótimo se essa teoria estivesse plenamente integrada no currículo da Unesp, justamente pela universidade estar no interior paulista e ter material rico com o que trabalhar (embora a folkcomunicação também estude o folclore urbano).

Daniel Gonçalves da Fonseca e Souza

CONCLUSÃO

A intervenção feita com os alunos de Jornalismo na Unesp de Bauru, durante o primeiro semestre do ano letivo de 2011, rendeu uma experiência extremamente gratificante em relação à apresentação da Teoria da Folkcomunicação.

Como já era esperado, a maioria dos presentes nunca tinha tido contato com a teoria, no entanto, houve interesse e os alunos se motivaram a pesquisar e buscar mais informações, bibliografia e trabalhos já feitos na área para poderem saber mais sobre o assunto.

Os trabalhos realizados como atividade integrante do currículo da disciplina de Seminários Avançados mostrou o comprometimento que os alunos tiveram em relação ao tema, às formas como escreveram sobre suas experiências pessoais e como souberam relacioná-las à teoria da Folkcomunicação.

A receptividade foi o ponto crucial dessa experiência. Os alunos receberam muito bem a proposta para o estudo e reconheceram a importância da existência do tema nas grades curriculares das faculdades, pois o consideraram um assunto de relevância e importância para os estudos em Comunicação Social.

A inserção da Folkcomunicação nas grades curriculares das universidades seria um grande avanço para os estudos dessa teoria, apresentando a teoria às novas gerações e, com isso, angariando novos pesquisadores, contribuindo para o fortalecimento do pensamento folkcomunicacional de Beltrão. Além de se tratar de uma ferramenta importante para uma diferente vertente da comunicação, a Folkcomunicação também nos leva a ampliar os horizontes do olhar, abrindo um leque de possibilidades de

pesquisas, direcionamentos e encaminhamentos, atuando não como resposta para as perguntas que surgirão ao longo da pesquisa ou mesmo da atuação no mercado de trabalho, mas adquirindo a função de mais um desencadeador de processos que nos leva a conhecer e nos aproximar cada vez mais das várias facetas existentes no imenso campo da Comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e Folclore:** Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

_____. **Folkcomunicação:** a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

_____. **Sociedade de Massa:** comunicação e literatura. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1972.

BREGUEZ, Sebastião (org.). **Folkcomunicação:** resistência cultural na sociedade globalizada. Belo Horizonte: INTERCOM, 2004.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e cidadãos.** Conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.

_____. **Culturas Híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 1997.

EAGLETON, Terry. **La Idea de Cultura –** Una mirada política sobre los conflictos culturales. Tradução de Ramín José Del Castillo. Buenos Aires: Barelona y Editorial Paidós, 2001.

MARQUES DE MELO, José. **Mídia e Cultura Popular:** História, Taxionomia e Metodologia da Folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

SCHIMIDT, Cristina (org.). **Folkcomunicação na Arena Global**. São Paulo: Editora Ductor, 2006.

TARSITANO, Paulo Rogério. **Luiz Beltrão: Vida e Obra.** In. Comunicação & Sociedade, n° 25, jun/dez. São Bernardo do Campo: Umesp / Metodista, 2006.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 3° Edição. São Paulo – Martins Fontes, 2008.